

Gato escaudado de água fria NÃO tem MEDO

O Barão era um gato assustadiço, nervoso, só circulava pelo pequeno quintal da casa onde morava, tinha medo dos outros gatos, miava baixinho, ou quase nem miava, com receio que os outros gatos ouvissem a sua voz. Era um gato oprimido e solitário. A força do seu nome em nada correspondia à sua personalidade.

Tinha sido resgatado de um buraco de esgoto. Estava fétido, esquelético, dorido e sem pelo na maior parte do seu corpo. Tinha uma memória difusa do que se passara e apenas se lembrava de ter sido agredido. Haviam-lhe gritado brutalmente, empurrado, chamado de nomes tão feios que, ainda hoje, ressoavam na sua cabeça, e não o haviam deixado miar, quanto menos ronronar! Nem sabia o porquê de tantas agressões. Apenas gostava de ser livre. E este gosto não poderia ser uma causa para tantos maus-tratos.

Contudo, tinha uma memória clara de quem lhe havia magoado, uns gatos grandes, gordos e pretos que deambulavam em grupo pelos muros das casas, pelos parques e limites do bairro, pelos jardins das casas. Sempre em silêncio, contornando os arbustos das flores, trepando às árvores, observando, observando, observando...fazendo sentir a sua pesada presença.

Uma boa alma, a Dona Antónia, resgatara-o com dó. Levava-o para casa, cuidara das suas feridas, alimentara-o, mimara-o e deixara-o lá a viver. Esteve muito tempo escondido atrás do sofá, ainda hoje é o seu lugar seguro, só saindo para comer quando reinava o silêncio naquela casa estranha, agora seu refúgio.

Na mesma casa, vivia um outro gato a tempo inteiro. Era o residente, o que contrastava com vários outros gatos que iam e vinham, todos partilhando as mesmas características, feridas, dores, fomes, traumas... Mas este era diferente. Era corpulento, destemido, aventureiro e amava a liberdade, acima de tudo. Entrava e saía quando queria, com ar de desafiador e poderoso, por uma pequena janela na lavandaria que a D. Antónia fazia questão de deixar sempre aberta, de verão e de inverno. Era por ali que o Imperador circulava. Era este o seu nome. Este sim, este seu nome enquadrava-se com a sua personalidade.

De quando em vez, o Imperador desaparecia por uns dias. A comida e a água ficavam intocadas e D. Antónia espreitava várias vezes atrás da cortina e, lá em baixo, via os ditos Gatos Pretos empoleirados no muro. Ela já sabia e,

frequentemente, umas lágrimas corriam-lhe pelo rosto envelhecido. Barão, hesitante, ronronava e enroscava-se nas suas pernas, não retirava a dor de D. Antónia, mas conseguia um sorriso de apaziguamento.

Quando Imperador, finalmente, regressava, trazia um miado diferente...um miado longo de lamento e de dor que se ouvia pelo bairro inteiro, como se fosse um aviso da sua chegada mesmo antes de ele passar a janela da lavandaria e se refugiar em casa. D. Antónia já sabia o que fazer. Pegava-lhe ao colo, cuidava-lhe das feridas, ora nas orelhas, ora nas patas, na cauda e, mais grave, no pescoço e mimava-o até ele se enroscar e adormecer no seu colo e amainar a dor. Não valeria a pena aprisioná-lo em casa, certamente era mais segura, mas ela sabia que Imperador definharia sem a sua liberdade. Alguns dias depois, quando as feridas devidamente lambidas saravam, Imperador parece que se esquecia de tudo e voltava a exercer a sua liberdade de circulação. Era persistente. Era orgulhoso da sua natureza felina.

O Imperador, certa madrugada, convidou o Barão para acompanhá-lo numa das suas saídas. Barão recusou veementemente. Tinha medo! Depois, parou, repensou e aceitou, pois estava na hora de ser um bocadinho mais audacioso e, confessemos, tinha muita curiosidade acerca da vida daquele gatarrão!

Confiava no Imperador e, numa noite sem lua, em perfeita escuridão, lá foram os dois, Imperador, forte e seguro, na frente, Barão, apreensivo e reservado, atrás. Circularam por debaixo dos carros estacionados, confundiram-se com os muros e, muitas vezes, baixaram o seu dorso, em postura de caçadores. Condição imposta: silêncio absoluto e trilharam caminho em direcção à secular igreja à saída do bairro. Um dos gatos, Sacristão, também ele um gato traumatizado, mas audaz, que residia na igreja em troca dos serviços que prestava ao padre, deixara uma pequena janela entreaberta na sacristia. Por ela pularam e, espantou-se Barão, a sala estava repleta de outros Gatos Comuns, tal como eles, de várias cores e padrões, uns mais magriços, outros menos peludos, uns sem a maior parte dos bigodes (o que dificultava a orientação), outros com feridas. Todos compenetrados conferindo um ar de intelectualidade àquela reunião.

Dois dos gatos sobressaíram, um mais gordo, bochechudo, bem-falante e articulado e outro mais magro, mais aguerrido e mobilizador da massa felina,

e ambos pularam para cima da secretária do padre e incitaram os outros gatos à resistência, à revolta, ao desafio, para saírem dos caixotes de lixo onde se refugiavam, a ir para as ruas do bairro e se fazerem ouvir, enfim, a serem livres! Livres de pensar, de miar, de ronronar, de circular pelos muros, de caçar, de preguiçar ao sol, de dormir, livres de ser e de estar...

No final daquela reunião secreta, Barão e Imperador regressaram a casa sem trocar um único miado. Barão sentia-se preenchido e todas as suas cicatrizes faziam-lhe sentido, outrora falara, rebelara-se, impusera-se... Sentiu no negrume da noite, a meio do caminho, os olhares perscrutantes dos Gatos Pretos que se escondiam aqui e ali, e temia que algo de muito mau lhe acontecesse a si e ao Imperador. Nunca soube se este tinha a mesma perceção da perseguição ou se, em alternativa, os ignorava de forma provocatória e corajosa. Quando a noite já ia alta, Barão ouviu um movimento na janela da lavandaria, ouriçado foi espreitar. Imperador saíra e Barão não sabia se ele alguma vez voltaria. Barão acalentou a esperança de que ele tivesse conseguido passar os muros do bairro em direção ao outro bairro a noroeste onde muitos gatos se refugiavam e tentavam dar a conhecer a todos os outros bairros da redondeza o regime opressivo que por ali se vivia, em busca de ajuda, e não ter sido, novamente, levado pelos Gatos Pretos.

Barão sentiu-se algo embaraçado pelo tempo que levara escondido atrás do sofá com medo. A mudança não se faz assim. Ganhou coragem e foi indo às reuniões na sacristia, primeiro como ouvinte e, depois, como interveniente e cada vez apareciam mais gatos, mais jovens, de vez em quando um deles desaparecia, reaparecia tempos depois e outros... outros nunca mais regressariam. Discutiam, liam jornais, declamavam poesia, cantavam, delineavam estratégias.

Inesperadamente, certa noite, já entrando pela madrugada, um dos gatos da sacristia, o Carvalho, pôs-se a cantar no telhado uma música popular entre todos os gatos e Barão sentiu uma movimentação num dos edifícios onde os Gatos Siameses se agrupavam, na rua onde morava. Ficou expectante e teve a tentação de se esconder atrás do sofá, mas resistiu. Queria ver. Minutos depois, outro gato da sacristia, o Zeca, da torre sineira da igreja lançou um miado imenso numa canção que era proibida de ser ouvida. Barão pressentiu que algo estava prestes a mudar, outros tempos estavam prestes a chegar.

Os Siameses, com a sua pelagem impecável, igual em todos eles, com algumas pequenas diferenças nas marcas no dorso, lustrosa e bem-lambida, de bigodes esticados, avançaram de forma disciplinada, cumprindo um plano ardiloso do Siamês Saraiva, pelas ruas do bairro com as suas garras afiadas à mostra. Barão ficou apreensivo com o que via. Seria mais uma guerra que teriam de enfrentar? Ele, e quase todos os outros Gatos Comuns não tinham garras, pois tinham-lhes sido retiradas para que ficassem indefesos, não se revoltassem e se submetessem.

Gatos e mais Gatos Comuns começaram a surgir, nem que fosse por curiosidade, a medo, a partir das casas onde moravam, dos caixotes de lixo que lhes serviam de abrigo, desceram dos telhados e das árvores, de debaixo dos carros...Até perceberem que os Gatos Siameses seriam os seus salvadores e não os seus executores. Dirigiram-se para a residência do Maior Gato Persa do bairro, o chefe do governo, o ditador! Seria o fim?

Os Gatos Comuns, com receio que houvesse mais perdas de vida, mais intolerância, mais repressão, mais angústia colocaram nas garras dos Gatos Siameses pequenas bolas de lã para que nenhum golpe desnecessário fosse desferido.

Um dos Siameses, o Gato Maia, entrou na residência do Maior Gato Persa, em paz e, depois de muitas negociações, conseguiu que ele se rendesse, entregando o poder de governar o bairro ao Siames Spínola.

O Maior Gato Persa foi-se embora do bairro e nunca mais voltou. Os Gatos Pretos ainda tentaram manter o seu poder, mas os Gatos Comuns já não os temiam e derrotaram-nos.

O Imperador, quando soube que o Maior Gato Persa se tinha rendido, regressou ao seu bairro, à sua pátria, entre miados e ronrons exacerbados. Eram, finalmente, gatos livres e tinham muito para fazer em direção à democracia e aquele dia em que os Gatos Siameses, sem necessitar de usar as garras afiadas, seria guardado na alma de todos os gatos como um símbolo de persistência, resiliência e de liberdade.

